

G!ro Style

JUNHO
2024

BRECHÓ

IDENTIDADE E
EXPRESSÃO

QUEBRADA AUTÊNTICA

MODA PERIFÉRICA E
PERTENCIMENTO

UPCYCLING

REINVENTANDO O
DESPERDÍCIO



SUMÁRIO

4

MODA DE
BRECHÓ



6 ACERVO CALMA

8 EXPRESSÃO CULTURAL E
RESISTÊNCIA PERIFÉRICA



10

A MODA AUTÊNTICA
DAS QUEBRADAS



12

DO VELHO
AO NOVO



EXPEDIENTE

PROJETO GRÁFICO:
Kauane Rezende

FOTOGRAFIA:
Roger Barbosa
Eduardo @ignosmax
Gilberto @garotodasul
@mendesculpa

REDAÇÃO:
Isabella Martinez
Izabela Malagola
Julia Alves
Marília Carvalho

REVISÃO:
Beatriz Ramos

REPÓRTER:
Izabela Malagola

COLABORADORES:
Isabella Faustino
Mayara Kerly
Renato Simões
Roger Barbosa

SUPERVISÃO:
Daniel Siqueira

MODA DE BRECHÓ

UMA JORNADA DE AUTODESCOBERTA

A estética e a moda desempenham um papel multifacetado na vida das pessoas, influenciando a maneira como nos vemos, nos relacionamos com os outros e nos posicionamos no mundo.

Roger Barbosa, 21, é um estudante de psicologia, natural da Bahia, mas que reside em São Paulo desde a infância. Atualmente, ele trabalha com fotografia, produção de moda e administra um brechó.

Em entrevista, Barbosa destaca a importância da arte em sua vida, discorrendo sobre como a moda, os brechós e a consciência crítica e política foram elementos chave na sua jornada rumo à descoberta da identidade e autenticidade.



Foto: Roger Barbosa

A moda começou a fazer sentido na minha vida quando eu criei o meu brechó...até então, eu tinha uma relação padrão e genérica com ela”

Ele tentava seguir o que os amigos vestiam, o que obtia aprovação ou o que estava em tendência. “Eu tinha uma relação (com a moda) já antes do brechó, mas não era uma relação em que eu trabalhava, construía, desenvolvia, ou que eu sequer pensavam muito sobre, eu só ia vivendo”, conta.



Foto e Styling: Roger Barbosa

Gosto muito de pensar em como a maneira que eu vou me vestir vai dizer sobre mim”

Com o tempo e com novas perspectivas ele começou a ter mais consciência de que as roupas de lojas de departamento e fast fashion eram caras, e que não tinha condições de comprá-las frequentemente. Ele conta também que muito da influência dos brechós na vida dele veio da mãe, que tinha um costume maior de frequentar esses espaços: “Ela sempre ia em brechó e comprava algo para mim”.

Por conta da frequência de fotos que ele recebia de sua mãe para aprovar ou não as peças garimpadas por ela, Roger começou a curtir a ideia e deu mais chances aos brechós. No início, as compras eram para uso pessoal, mas como esses achados são únicos e exclusivos, ele começou a mandar fotos, iguais às da mãe, para ver se seus amigos aprovavam ou não, e se queriam comprar.

Eu via as coisas no lugar, gostava e na hora já conseguia pensar em alguém que eu conhecia que poderia usar ou gostar daquilo

Hoje em dia ele acha patético usar roupas de lojas de departamento e fast fashion, mas no ensino médio era o que ele consumia, então decidiu vender todas essas roupas e o dinheiro arrecadado serviria para começar um novo guarda-roupa, mas dessa vez, com compras apenas de brechós. E desde o final de 2019 ele só investe em roupas garimpadas.



Foto e Styling: Roger Barbosa





ACERVO CALMA



Foto e Styling: Roger Barbosa

HISTÓRIA E PERTENCIMENTO NA MODA

“Eu criei o brechó primeiro com o intuito de vender as roupas que eu já tinha, e aí vendi essas primeiras levadas e pensei: ‘Pô, não é que isso aqui é uma coisa que dá certo? Agora vou vender as roupas que eu compro’”

“Foi um processo demorado, não tem muito tempo que eu de fato comecei a ter consciência crítica sobre o meu trampo... Porque nesse momento (início do brechó), era muito sobre tentar vender, vender, vender e vender mais”

Ele conta que nunca teve uma frequência constante, mas afirma que um brechó é composto por diversas fases: “Todo mês eu fazia pelo menos uma atualização, mas era muito cíclico entre eu comprar a peça, tirar foto, produzir algo com aquilo e depois isso ser vendido, então demorava um tempo. Por esse motivo, o brechó também foi algo que nem sempre me deu muito dinheiro!” exclama Roger.

A fotografia surgiu na vida dele com o brechó, durante a pandemia ele fazia tudo sozinho, era o modelo, fotógrafo e editor das fotos, além de comprar, lavar, costurar, embalar as roupas e interagir com os seguidores que mandavam mensagens.

“Isso (o processo do brechó) no fundo me deu identidade e me tornou uma pessoa desenvolta”

De início, o brechó era denominado como Calma Brechó, cujo nome carrega significado simbólico. As lojas de departamento e *fast fashion* seguem um padrão de produção e consumo no qual os produtos são fabricados, consumidos e descartados rapidamente, por isso o “*fast*”, que significa rápido.

Já os brechós carregam a ideologia de serem contrários a esses modos de produção, e foi aí que surgiu a ideia do “calma”. Roger escolheu esse adjetivo para representar uma oposição à rapidez e aos ciclos de consumos excessivos que o *fast fashion* gera.

Agora, após uma transição, o Calma Brechó se tornou o Acervo Calma. Ele conta que sempre foi muito detalhista com a parte de comunicação do perfil, então o nome, o arroba e a biografia precisavam transparecer o que a marca dele é. E o perfil não é apenas um lugar comercial de vendas de roupas, o trabalho dele é mais que isso, pois presta serviços de produção de moda e fotografia.

“O brechó sempre foi muito mais do que um brechó, e aí eu só mudei a nomenclatura, mas o que ele é e o que eu faço continua sendo a mesma coisa. Foi mais por uma questão de abrangência”, conta o administrador do Acervo Calma.

EXPRESSÃO CULTURAL E RESISTÊNCIA PERIFÉRICA

“A moda é uma das expressões culturais de resistência de pessoas negras, periféricas e marginalizadas, porque é o ponto em que isso provavelmente dá a primeira experiência de pertencimento, de autonomia e de reconhecimento”

“Para mim, a moda está além de um trampo, de uma produção, de um ensaio, tem a ver com o que é o reconhecimento cultural de um povo, de uma cultura toda.

E aí isso tem muitos atravessamentos, como gênero, classe, raça, idade, localização, muita coisa envolvida, só que, no fundo, no fundo, é uma das coisas que fazem as pessoas se sentirem elas mesmas, é linguagem, é muita coisa”, afirma.

A moda periférica, muitas vezes associada aos brechós, carrega um significado profundo, visto que os brechós transformam itens descartados em novos símbolos de identidade e pertencimento. “Nem todo brechó é necessariamente moda periférica, só que eu acho que a ideia de brechó surge de uma questão de marginalização das peças, porque envolve peças que são descartadas, que são doadas, e aí, seja dentro de uma igreja ou outro lugar, sempre vai ter um viés de caridade”, comenta Barbosa.

Para quem cresce em uma realidade periférica, a moda é uma ferramenta de expressão pessoal e resistência. Essa autonomia na escolha das roupas reflete uma busca por identidade própria e distinta das imposições *mainstream*.

A moda periférica não é homogênea, pode ser dividida entre o “periferismo estético”, que segue estereótipos sociais, e a moda brasileira do cotidiano, que muitas vezes envolve a reutilização de roupas de familiares ou itens fora de tamanho. “Daí vem o lugar do periferismo estético, da gente poder pensar sobre o termo como algo que diz respeito, não necessariamente sobre a valorização ou não valorização, mas a crítica a moda periférica e a moda periférica como algo que é criticada, e é feita também pra ser incômoda de certa forma”, exclama Roger.

A relação com a moda também é uma questão de autoestima e identidade pessoal. Para alguém que ocupa um espaço onde é muitas vezes o único negro, como em uma faculdade elitista, a moda é uma forma de afirmar sua identidade e origem.

“Hoje em dia, o que eu pesquiso é muito mais por esse lado, porque eu tento fazer essa associação não só com a moda, mas com todas as expressões culturais que são ferramentas de resistência também”. A moda periférica é uma poderosa ferramenta de resistência, um tributo à diversidade e à resiliência das comunidades periféricas”, finaliza.

“E também existe o lance de como a periferia se conecta com a moda no sentido de trabalho, porque a mão de obra das empresas, das lojas, sempre vai ser a periferia, então por mais que não seja a periferia que consuma tudo, a periferia tá sempre ali costurando tudo, movimentando tudo, sendo a mão que faz tudo”



A MODA AUTÊNTICA DAS QUEBRADAS

Era para ser apenas um perfil de desapego, mas acabou virando o 'Acervo do Relíquia', uma grande referência de moda periférica na região da Vila Industrial, na Zona Leste

Diretamente da Vila Industrial, zona leste de São Paulo, Renato Simões e Mayara Kerly são os donos do brechó "Acervo Relíquia". O que era para ser apenas uma página de desapego de roupas em 2020, se tornou um empreendimento de moda periférica, criativa e com um toque de nostalgia do funk paulistano de 2010.

Mayara, mais conhecida como Cruela, atua como diretora criativa, fotógrafa, modelo e criadora de conteúdo, enquanto Renato trabalha como recepcionista no SUS e articulador cultural.



Foto: Gilberto Junior



Foto: Gilberto Junior

Simultaneamente, eles cuidam do Acervo Relíquia juntos e sem uma equipe para auxiliá-los. "É nós por nós", pontua Renato.

Há quem acredite que a moda é algo totalmente padrão e restritivo, o casal que discorda possui uma perspectiva muito diferente sobre o assunto que sempre os atraiu.

"A moda diz muito mais sobre comportamento e muito mais também sobre a forma que as pessoas se relacionam na sociedade, como elas se enxergam. É como elas criam conexões entre si", diz Cruela

MODA PERIFÉRICA E PERTENCIMENTO

A moda periférica representa reconhecimento e pertencimento de um povo que sempre foi marginalizado. O casal diz que a periferia criou um meio de se conectar entre si, já que a sociedade os excluía o tempo inteiro.

A ruptura dos padrões de moda se tornou uma grande referência para que as pessoas aceitem que cada um tem seu estilo e, sobretudo, que sejam fiéis à própria essência. O casal acredita que a mudança está fazendo com que as pessoas estejam sendo aceitas, justamente as de 'quebrada', que almejavam ser vistas e reconhecidas como referência de estilo.

Cruela pontuou também que é interessante como a moda periférica vem sendo vítima da apropriação por pessoas que não são de periferia, chegando até ficar "saturada" dentro das redes sociais, principalmente no TikTok, onde existem trends que a forma como pessoas periféricas se veste se popularizou e se tornou um "estilo". Ela ainda explica: "Muita gente tem se apropriado, e é criado como se fossem essas tendências da internet, por exemplo: ah, vou me vestir de 'mandraka' como se fosse uma Barbie e colocasse a fantasia do estilo na pessoa".



Foto: @mendesculpa

A moda periférica não é um "estilo", então não é algo que possa ser padronizado, já que existem diversos tipos de pessoas diferentes dentro da periferia.

"Existem diversas juventudes periféricas, não é um cara x carimbado, tem roqueiro periférico, LGBTQIAP+, do rap, do reggae, do funk, tá ligado? Então as pessoas não entendem isso e usam tipo de estereótipos", finaliza Renato

Os brechós dão aos consumidores a oportunidade de adquirir peças conforme os seus estilos próprios de forma mais acessível, consciente e duradoura, considerando que as lojas de departamento, utilizam do padrão de produção "fast fashion" que possuem valores muito altos e descarte de peças de maneira rápida. Ciclo que não é compatível à vida das pessoas periféricas, mesmo que em sua maioria estejam envolvidas no processo de produção, contribuindo com sua mão de obra. A moda periférica de brechó fortalece e empodera aqueles que a consomem.



Foto: @mendesculpa



Foto: Reprodução

DO VELHO AO NOVO

*UPCYCLING,
O MODO DE REINVENTAR O
DESPERDÍCIO, TRANSFORMANDO
O COMUM EM EXTRAORDINÁRIO*

Isa Faustino, 20, cursa atualmente a faculdade de Relações Públicas, já estudou Design de Moda pelo Museu de Arte Moderna e Gestão de Marcas de Luxo por uma faculdade em Milão.

O universo da moda não é algo novo em sua vida, mas logo após a relação se intensificar, entrou também para o âmbito da comunicação, lugar onde encontrou uma forma de se expressar. Aos 9 anos já tinha seu blog de moda!

Isa acredita que a moda sustentável vai muito além da estética, é algo necessário. A moda sustentável entrou na vida dela por meio do Upcycling, quando recebia roupas de doações

e transformava-as em peças completamente diferentes que se encaixavam no seu próprio estilo, aproveitando cada parte do tecido. Com o tempo, Isa começou a reconhecer e refletir sobre como esse processo era importante, o descarte das peças, a forma como é consumida, se os tecidos são biodegradáveis e se a mão de obra para aquela peça ser confeccionada não prejudica ninguém.

Com intuito de aprimorar cada vez mais as habilidades com o *Upcycling*, fez um curso de Laboratório Criativo, assim conseguiu aprofundar seus conhecimentos no reuso de tecido e hoje quando quer uma peça nova, consegue fazê-la do 0.

Muitas pessoas encontram seu estilo assim que começam a consumir moda de brechó, segundo Isa, com ela foi o caminho contrário. "O brechó potencializou meu estilo", ela explica que ao olhar para a peça, na hora pensa em como se identifica com ela e qual a forma que vai usá-la.

Antes de levar o *Upcycling* para vida, Isa conta que tinha vergonha de fazê-lo, mas hoje é motivo de orgulho, além de fazer com que ela se encontrasse no mundo da moda.

Grande parte disso vem da influência das gêmeas Tasha e Tracie, que antes de se tornarem referência no mundo do Rap tinham um brechó e são criadoras do projeto e blog *Expensive Shit*, sobre moda e customização de roupas.

Hoje sua vida profissional está diretamente ligada à moda, na agência em que trabalha, que é voltada à moda, *lifestyle* e na produção de conteúdo para as redes sociais. Isa sempre tenta fazer uma ligação com o que aprende na faculdade de Relações Públicas com a moda, isso é enfatizado nas publicações com mais engajamento em seu perfil. Ela ainda conta que tem publicações que ela pensa no texto, mas só depois consegue concluir a ideia.

Existem diversas marcas, que ainda não tem uma mentalidade consciente sobre o conceito de moda sustentável e ela sempre sugere o que fazer para melhorar a campanha e a marca, além de pontuar a importância de sempre se posicionar, exemplificou com a iniciativa do uso de *glitter* biodegradável no carnaval.

"Participar da São Paulo Fashion Week sempre foi um sonho", ela conta que participou das duas edições de 2023 do evento como telespectadora, através do convite de marcas e do projeto independente, Pretos na Moda, ela enviou diversas mensagens às marcas falando sobre seu trabalho, até finalmente aceitarem. Já em 2024, Isa participou novamente do evento, mas dessa vez estava na primeira fila a convite de um cliente. Infelizmente o dia foi marcado por situações desanimadoras, ela conta que sofreu microagressões que fizeram com que ela chegasse em casa chorando em estado de choque. Explicou que para algumas pessoas é uma afronta uma mulher preta estar ocupando esses lugares e não em uma posição de serviço, ainda completa dizendo que geralmente não sabe reagir a essas situações, mas tenta se agarrar nos seus sonhos e se cercar de coisas positivas.



Isa Faustino conta também sobre o processo de criação de uma peça em específico, sua roupa de flores que usou na edição do evento de 2024. A ideia surgiu após ganhar flores em seu aniversário e refletir sobre quantas flores uma mulher preta recebe em vida. Ela sempre amou flores e tem uma conexão muito forte com elas. “Uma pessoa preta só recebe flores quando morre”, essa reflexão fez com que ela ficasse extremamente assustada.

“Existe um movimento de mulheres brancas que sempre diz ‘não me dê flores, me dê respeito’, eu quero sim flores! Me dê respeito, me dê gentileza, mas também me dê flores!”

Iniciou o processo de criação do look com a ideia de usar as flores que ganhou, para compor seu penteado. Na hora de customizar a roupa, pediu a ajuda de sua tia, já que não tinha máquina de costura e queria realizar algo mais complexo do que uma peça feita à mão, durante o processo foi moldando a peça no seu corpo, provando o tempo todo. Ficou extremamente feliz com o resultado, principalmente, porque a peça foi feita 100% com os tecidos que já tinha em casa, além de materiais de reuso que sua tia tinha. Ao finalizar a costura, colocou também uma flor.

Ela encontrou na moda uma forma de se expressar, relacionando a forma que se veste com um cartão de visitas, sendo a primeira impressão que você transmite para as pessoas. Então sempre levou isso tudo muito a sério, usando de todas as suas experiências para manifestar o modo de se vestir.